

Universidade de Brasília

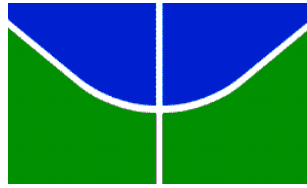
Instituto de Ciência Política

## **Partidarismo e novas direitas no Brasil: uma análise do perfil dos simpatizantes do Partido Liberal (PL)**

Isabela Quadros Dantas Barros

Brasília – DF

Julho/2023



Universidade de Brasília

Instituto de Ciência Política

## **Partidarismo e novas direitas no Brasil: uma análise do perfil dos simpatizantes do Partido Liberal (PL)**

Isabela Quadros Dantas Barros

Monografia apresentada ao Curso de Ciência Política, do Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Ciência Política sob a orientação do professor André Borges de Carvalho.

Brasília – DF

*Não obstante as velhas e novas rejeições, continuamos a usar as palavras direita e esquerda na linguagem política corrente como se ainda significassem alguma coisa. E é evidente que, se continuamos a nos entender quando as usamos, é porque possuem algum significado.*

Norberto Bobbio, 1995.

## AGRADECIMENTOS

Após vivenciar uma montanha-russa de emoções durante a elaboração e entrega deste trabalho, sinto-me compelida a expressar minha sincera gratidão a todos que estiveram presentes e contribuíram para sua execução. Seja com apoio direto ou indireto, cada pessoa desempenhou um papel fundamental nessa jornada.

Primeiramente, agradeço ao meu professor André Borges pela orientação, apoio e paciência ao longo de todo o processo de pesquisa. Suas ajudas valiosas e seu amplo conhecimento na área foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Obrigada por acreditar em mim e no meu projeto!

Quero estender meu agradecimento ao Robert Vidigal, que desempenhou um papel crucial no meu aprendizado. Suas aulas sobre RStudio e sua disponibilidade em ajudar foram fundamentais para a etapa de análise de dados dessa pesquisa.

Também desejo agradecer ao professor Frederico Bertholini por dedicar seu tempo e expertise na avaliação deste trabalho, como parecerista.

Não posso deixar de mencionar meus amigos e colegas de curso e profissão, que compartilharam experiências e apoio ao longo dessa jornada. Em especial, agradeço ao meu amigo Lucas Buosi, por se prontificar a revisar o trabalho.

Por fim, gostaria de expressar meu profundo agradecimento à minha família, aos meus pais e irmãos, por seu encorajamento e apoio ao longo de toda minha trajetória acadêmica. Agradeço também Marina, minha namorada, que ofereceu grande apoio na minha graduação e no desenvolvimento deste trabalho.

Durante todos esses anos na UnB, fiquei profundamente fascinada pela universidade e pelo ensino público, o que alimentou dentro de mim uma imensa vontade de aprender e expandir meus horizontes. A universidade se tornou um ambiente inspirador, onde tive a oportunidade de me conectar com professores incríveis, que admiro imensamente. Cada um deles desempenhou um papel significativo em minha formação, não apenas transmitindo conhecimento, mas também inspiraram e moldaram minha visão de mundo, deixando uma marca em minha jornada. Um muito obrigada a todos,

Isabela.

## **LISTA DE SIGLAS**

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

IP – Identificação partidária

PFL – Partido da Frente Liberal

PL – Partido Liberal

PRB – Partido Republicano Brasileiro

PSC – Partido Social Cristão

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PT – Partido dos Trabalhadores

SM – Salário mínimo

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Identificação partidária (IP) por partido no Brasil (2023)

Tabela 2 – Probabilidade de apoiar o PL

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Médias de apoio à decisão da mulher sobre o aborto por simpatias partidárias

Gráfico 2 – Religião dos eleitores por simpatias partidárias

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>1. INTRODUÇÃO</b> .....  | 8  |
| <b>2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....   | 12 |
| <b>2.1. De volta ao poder: a reorganização da direita na América Latina</b> .....   | 12 |
| <b>2.2. A reemergência da direita brasileira</b> .....                              | 15 |
| <b>2.3. Determinantes da identificação partidária no Brasil</b> .....               | 19 |
| <b>3. METODOLOGIA</b> .....   | 23 |
| <b>4. ANÁLISE COMPARATIVA: PERFIL DOS SIMPATIZANTES DO PL E DO PT</b> ..            | 25 |
| <b>5. DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS</b> .....                            | 31 |
| <b>6. CONCLUSÃO</b> .....   | 33 |
| <b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....  | 35 |
| <b>APÊNDICE A – Perguntas utilizadas para traçar o perfil dos partidários</b> ..... | 38 |

## RESUMO

A ascensão das novas direitas tem sido um tema amplamente discutido no Brasil e no mundo. Enquanto a Ciência Política se esforça para entender a estrutura dessas novas direitas brasileiras, o perfil de seus apoiadores ainda permanece pouco explorado. Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo investigar o perfil dos simpatizantes de partido das novas direitas, com especial atenção aos apoiadores do Partido Liberal (PL) no Brasil. Busca-se analisar até que ponto esses simpatizantes aderem às estratégias e agendas típicas da nova direita, como religião, segurança pública e conservadorismo. Além disso, faz-se uma comparação com os simpatizantes do Partido dos Trabalhadores (PT), destacando diferenças nas características demográficas e nas motivações políticas entre simpatizantes do PL e do PT. O estudo se apoia na análise de dados quantitativos provenientes de um *survey* aplicado como parte do projeto "Clivagens Políticas no Brasil" da UFSC.

Palavras-chave: Identificação partidária; Partidarismo; Novas direitas; Brasil;

## ABSTRACT

The rise of the new right has been a widely discussed topic not only in Brazil but also worldwide. While the literature in Political Science strives to understand the structure of the new Brazilian right-wing parties, the profile of their supporters remains underexplored. In this context, the present study aims to investigate the profile of party supporters of the new right, especially supporters of the Liberal Party (PL) in Brazil. It seeks to analyze the extent to which these sympathizers adhere to the typical strategies and agendas of the new right, such as religion, public safety and conservatism. In addition, a comparison is made with sympathizers of the Workers' Party (PT), highlighting differences in demographic characteristics and political motivations between PL and PT supporters. The study relies on the analysis of quantitative data from a survey applied as part of the project "Political Cleavages in Brazil" at UFSC.

Keywords: Party identification; Partisanship; New right; Brazil;

## 1. INTRODUÇÃO

Apesar da não reeleição de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2022, a direita brasileira segue em ascensão no cenário político do país. As últimas eleições resultaram em um aumento significativo de representantes de direita no Congresso Nacional, de forma que o partido com maior bancada da 57ª Legislatura (2023-2027) da Câmara dos Deputados passou a ser o Partido Liberal (PL), do ex-presidente Bolsonaro, que ocupou 99 cadeiras<sup>1</sup>. A última vez em que um partido conseguiu eleger um número tão expressivo de deputados foi em 1998. Na ocasião, o PFL (conhecido como DEM e posteriormente como União Brasil) obteve 105 cadeiras na Câmara dos Deputados, enquanto o PSDB conquistou 99. No Senado Federal, a maior bancada do início da 57ª Legislatura pertence ao Partido Social Democrático<sup>2</sup> (PSD), seguida do PL, ambos partidos de direita (Zucco; Power, 2021, p. 20).

A nova direita brasileira vem demonstrando sua força não apenas com representatividade expressiva no Legislativo Federal, mas também ao solidificar, progressivamente, uma base de apoio consistente. Esta tendência é visível através da expansão de variados movimentos sociais favoráveis à direita no país nos últimos anos (Tatagiba et al., 2015), bem como na crescente identificação dos eleitores com partidos de direita, como o PL. De acordo com o Instituto Datafolha<sup>3</sup>, na iminência do segundo turno das eleições brasileiras de 2022, 14% dos eleitores expressaram simpatia pelo PL nominalmente. Adicionalmente, outros 7% expressaram afinidade pelo partido liderado por Jair Bolsonaro, embora sem mencionar diretamente sua sigla ou número. Dessa forma, verificou-se que, no final de 2022, cerca de 20% dos eleitores expressavam simpatia pelo PL. Essa porcentagem supera até mesmo a simpatia demonstrada em relação ao PSDB, outrora principal concorrente do PT, que em 2022 contava com apenas 3% de simpatizantes.

Mesmo que a alternância da orientação ideológica de governo seja uma característica esperada de regimes democráticos (Przeworski, 2010, 164), o terreno nem sempre foi fértil para a direita brasileira, que lidou com dificuldades para formar partidos competitivos desde a década de 1990, após a redemocratização (Rocha, 2021). O contexto de fragilidade eleitoral da direita, que atingiu outros países da América Latina, estava relacionado às reformas neoliberais adotadas na região, que aumentaram os níveis de desigualdade e influenciaram no

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/bancada-atual>.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/02/01/novas-filiacoes-fazem-do-psd-maior-bancada-para-o-inicio-de-2023>.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniao-e-sociedade/2022/10/pt-tem-mais-simpatizantes-35-mas-tambem-e-sigla-mais-rejeitada-39.shtml>



sentimento antiliberal, o que acabou resultando no chamado “giro à esquerda”. Essa virada à esquerda também foi resultado das estratégias de politização da desigualdade pela esquerda, que foram bem sucedidas em certos países da América Latina, enquanto alguns partidos de direita passaram por uma debilidade eleitoral devido às dificuldades em mobilizar o eleitorado (Kaltwasser; Luna, 2014).

Desde então, a direita vem desenvolvendo diferentes estratégias para se adaptar e lutar contra a predominância de governos de esquerda na América Latina. Uma dessas estratégias é a de explorar a politização de identidades transversais às classes sociais, como raça, religião e gênero, a fim de recrutar apoiadores (Eaton, 2014) (Guedes-Neto, 2020).

No Brasil, uma das grandes identidades mobilizadas pela direita é a religião, sobretudo a evangélica (Corrales, 2019, p. 14). Decerto, a elite política brasileira não apenas vem desenvolvendo um discurso conservador alinhado à religião e à defesa de valores tradicionais, como também as próprias igrejas evangélicas estão formando laços fortes com os partidos existentes e concentrando suas candidaturas em partidos confessionais (como no PRB (Partido Republicano Brasileiro) e no PSC (Partido Social Cristão), ao invés de espalhá-las entre partidos de diferentes orientações ideológicas (Reich; Dos Santos, 2013). Esses grupos evangélicos percebem políticas progressistas como uma ameaça aos valores tradicionais, o que os impulsiona a se engajarem de maneira mais ativa na defesa de suas convicções. Portanto, a renovação programática da direita também mobiliza uma agenda conservadora alinhada à religião em torno de temas como aborto, casamento homoafetivo e identidade de gênero (Corrales, 2019).

Outra estratégia adotada pela direita em sua reorganização é a de desenvolver opções eleitorais não partidárias em um contexto no qual a classe política como um todo é mal avaliada e os partidos políticos têm baixos níveis de legitimidade, numa tentativa de se desvincularem do mundo político. Apesar dessa estratégia ter sido empregada por líderes populistas de esquerda, ela também vem sendo utilizada por candidatos de direita, como é o caso de Keiko Fujimori nas eleições presidenciais peruanas de 2011 (Kaltwasser, 2014).

Sobre o populismo, embora ele seja um conceito utilizado no estudo de líderes e partidos e movimentos políticos de diferentes ideologias, ele já foi mais frequentemente associado a presidentes de esquerda, sobretudo na América Latina (Mudde; Kaltwasser, 2017, p. 1), no estudo de personalidades como Getúlio Vargas, Juan Perón e Lázaro Cárdenas. No entanto, observa-se uma crescente associação do populismo com a ala direita do espectro político na região da América Latina, onde ele vem sendo vinculado ao ressurgimento da

direita na disputa política e em movimentos sociais (Campos Campos, 2021; Dias, 2021). Na Europa, o termo é usado por Cas Mudde e outros pesquisadores no estudo de partidos políticos ao descrever uma face da extrema-direita, a direita radical populista (Mudde, 2007).

Um outro tema que vem sendo explorado pela direita é a agenda de segurança pública alinhada à implementação de políticas de caráter *mano dura* (linha dura). Entretanto, esse tema pode acarretar complexidades, já que a defesa dos direitos humanos tem se tornado cada vez mais discutida e, devido ao envolvimento passado da direita com regimes autoritários, o eleitorado tem dúvidas sobre sua aderência à democracia. De qualquer forma, o ressurgimento programático da direita está relacionado com sua capacidade de renovação (Kaltwasser, 2014).

Tendo em vista os pontos levantados, qual é o impacto da reorganização da direita no eleitorado? Mais especificamente, o posicionamento ideológico do eleitorado que simpatiza com partidos de direita é compatível com as novas estratégias que vêm sendo empregadas pela direita para mobilizá-lo? Os simpatizantes de partidos de direita defendem, por exemplo, costumes conservadores e se posicionam contrariamente ao casamento homoafetivo e ao aborto? Apoiam políticas de linha dura e têm alguma descrença no sistema político?

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é entender qual é o perfil predominante, caso exista, da parcela da população que simpatiza com o Partido Liberal (PL) de forma a analisar sua aderência com as pautas mobilizadas pela nova direita. A título de comparação, será traçado um paralelo entre o perfil dos simpatizantes do PL com o perfil dos simpatizantes do PT, para verificar se há diferenças entre eles. Dessa forma, as perguntas centrais deste estudo são: a identificação partidária com o PL é motivada por quais fatores? Como esses fatores se aderem às pautas e estratégias mobilizadas pela nova direita brasileira? Além disso, como o perfil dos simpatizantes do PL se diferencia das bases que sustentam a simpatia no PT? Essa última pergunta é essencial para entender se o perfil dos simpatizantes do PL se aproxima somente à agenda da nova direita brasileira ou se, de outra forma, é comum também a uma outra parcela dos brasileiros, que simpatizam com o PT, um partido entendido como pertencente à esquerda (Zucco; Power, 2021).

Com o intuito de fornecer respostas para essas indagações, na primeira parte do trabalho é promovido um aprofundamento na literatura sobre novas direitas. Nessa etapa, são expostos temas voltados para a reorganização da direita, que é pautada na adoção de diferentes estratégias para engajar o eleitorado. Na sequência, é apresentada parte da bibliografia da Ciência Política sobre os determinantes da identificação partidária e, como

grande parte dos partidários no Brasil são simpatizantes do PT, são apresentados os achados de estudos anteriores sobre o perfil desse grupo, conhecidos também como petistas (Samuels; Zucco, 2014).

Após situar este estudo no contexto da literatura contemporânea sobre direitas e sobre partidarismo da Ciência Política, será apresentada a metodologia adotada neste trabalho, que consiste na análise de dados relacionados ao perfil dos apoiadores do PL e, em segundo plano, do PT. Esses dados foram obtidos por meio de um questionário aplicado no ano de 2023 como parte do projeto "Clivagens Políticas no Brasil", coordenado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e financiado pelo CNPq. Com base nessa abordagem metodológica, são apresentados os detalhes da análise e os resultados obtidos, os quais serão discutidos na conclusão deste trabalho.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A etapa de revisão bibliográfica está estruturada em três seções distintas. A primeira seção tem como objetivo explicar a reemergência da direita no cenário político da América Latina, que anteriormente era, em grande parte, governada por líderes de esquerda (Kaltwasser; Luna, 2014). Nessa seção, também será apresentada uma breve explanação sobre os conceitos de "direita" e "esquerda" no contexto latino-americano.

Em seguida, a segunda seção trata das especificidades da reemergência da direita no cenário político do Brasil e de suas estratégias para mobilizar o eleitorado, associadas ao antipetismo, ao conservadorismo e a uma desconfiança nos partidos políticos (Tatagiba, 2018) (Rocha, 2021).

Por fim, a terceira seção discute os determinantes da identificação partidária no Brasil e os achados de estudos anteriores sobre o perfil dos simpatizantes do PT. Como o PT é o partido com uma das maiores, senão a maior, bases de apoio entre os partidos brasileiros (Samuels, 2004), existem numerosas pesquisas destinadas a analisar seus simpatizantes. Esse não é o caso, entretanto, do PL, que tem historicamente uma menor base de apoio – embora recentemente tenha sido ampliada devido à candidatura de Jair Bolsonaro pelo PL, em 2022 e ao crescimento da direita.

Dessa maneira, será possível examinar a forma com que a direita brasileira têm se reemergido no cenário político, em comparação com outros países da América Latina, e investigar os determinantes da identificação partidária no Brasil, para, em seguida, analisar o perfil dos simpatizantes do Partido Liberal e sua aderência com as pautas mobilizadas pela direita.

### 2.1. De volta ao poder: a reorganização da direita na América Latina

A divisão contemporânea entre direita e esquerda, como afirmam Luna e Kaltwasser (2014, p. 3), é firmada em um conflito ideológico sobre a igualdade social que remete à Revolução Francesa. Entretanto, sua noção contemporânea foi desenvolvida a partir da ascensão do socialismo nos anos 1890, momento em que era erguida uma “nova” esquerda, que buscava dialogar com a classe trabalhadora e organizar um movimento socialista internacional. Enquanto isso, na época a direita começava a se aproximar de políticas de *laissez-faire*, que promoviam a não-intervenção Estatal no desenvolvimento social e

econômico (Kaltwasser; Luna, 2014).

Isto posto, o eixo esquerda-direita passou a ser vinculado permanentemente à noção de igualdade e a conceituação geral do eixo é de que, enquanto a esquerda admite as desigualdades como objeto de intervenção do Estado, a direita acredita que não é competência do Estado nelas interferir (Bobbio, 1994). Uma das vantagens dessa definição é que ela é estável ao longo do tempo e passível de ser transportada para contextos distintos, mas é necessário, por vezes, analisar outros elementos para explicar as particularidades do eixo esquerda-direita em países e em períodos específicos.

Uma das contribuições centrais de Bobbio sobre as noções de direita e esquerda é que elas devem ser concebidas como termos opostos e mutuamente exclusivos, ou seja, um dos termos só existe por causa da própria existência do outro (Bobbio, 1994, p. 1-3). É por esse motivo que, ao longo deste estudo, o levantamento teórico e empírico sobre a direita na América Latina estará acompanhado de informações também sobre a esquerda.

Sobre a definição de direitas na América Latina, a literatura comparada tem assentido que, apesar da importância de se atentar aos contextos específicos e temporais de cada região na definição de esquerda-direita, a dimensão Estado-mercado é reconhecida como melhor preditora do posicionamento político no eixo esquerda-direita para a maioria dos países latinoamericanos (Wiesehomeier, 2010). Ao mesmo tempo, outras dimensões como a moral e a religião não são tão relevantes para explicar as diferenças entre esquerda e direita, embora existam variações grandes entre os países.

Todavia, se a dimensão econômica é entendida como a melhor preditora do posicionamento entre esquerda e direita, como partidos de direita podem ter sucesso em regiões tão desiguais como a América Latina? Dado os níveis de desigualdade social na região, os partidos de esquerda poderiam lidar com facilidades, já que há entre eles propensão a defender políticas redistributivas que podem beneficiar as classes mais baixas do eleitorado. Entretanto, em sociedades marcadas por altos níveis de desigualdade social, nem sempre o eleitorado exigirá políticas redistributivas e, portanto, preferirá votar pela esquerda. Para que isso aconteça, é preciso que haja atores que politizem os níveis de desigualdade existentes e consigam mobilizar o eleitorado em torno desta questão (Blofield, 2011; Kaltwasser; Luna, 2014).

A estratégia adotada pela esquerda de politizar a desigualdade foi bem-sucedida em alguns países da América Latina durante a década de 1990, ao passo que os partidos de direita enfrentaram um período de fragilidade eleitoral. Esse contexto de fragilidade eleitoral da

direita estava relacionado às reformas neoliberais implementadas na região, as quais contribuíram para o aumento dos níveis de desigualdade e alimentaram um sentimento antiliberal, apesar de terem atendido a certas demandas da população, como o combate à inflação (Roberts, 2014).

No entanto, é importante ressaltar que a fragilidade da direita não pode ser atribuída exclusivamente ao fracasso das reformas neoliberais promovidas na América Latina. Caso a direita conseguisse politizar questões transversais às classes sociais, talvez não teria enfrentado esse período tão intenso de fragilidade. De fato, os três fatores a seguir contribuíram para o giro à esquerda na América Latina: 1. A impopularidade das reformas neoliberais em alguns países latino-americanos, implementadas por governos de direita; 2. A dificuldade da direita em politizar diferentes pautas para engajar o eleitorado; e 3. A estratégia bem-sucedida da esquerda em politizar a desigualdade e mobilizar eleitores (Roberts, 2014).

Sendo assim, consciente de suas limitações, a direita tem buscado adotar diversas estratégias para se adaptar e enfrentar a hegemonia da esquerda na região. Uma dessas estratégias consiste em explorar a politização de identidades que transcendem as divisões de classe social, com o objetivo de angariar apoio. No Equador e na Bolívia, a direita tem caminhado para a politização de identidades territoriais de modo a enfraquecer as identidades de classe (Eaton, 2014).

Em outros países, a direita latinoamericana tem adotado uma estratégia de politização das identidades religiosas, em particular, do cristianismo evangélico, como uma tática eficaz de reorganização. Essa abordagem revela-se especialmente significativa para a direita, pois o evangelismo tem atraído a atenção das classes sociais mais baixas, principalmente devido aos serviços sociais oferecidos pelas igrejas, bem como à ênfase na tradição oral, o que facilita a participação de analfabetos (Boas, 2020, p. 6). Dessa forma, ao politizar a religião e os costumes evangélicos, busca-se alcançar as classes menos privilegiadas e enfraquecer as identidades de classe, que poderiam aproximar evangélicos da esquerda.

A politização do cristianismo evangélico está associada, na maioria dos casos, à defesa de uma agenda conservadora, que se opõe ao aborto, ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, à legalização das drogas e apoia modelos tradicionais de família e papéis de gênero. Essa tendência é observada em países como Colômbia, Guatemala e também no Brasil, onde a influência da direita evangélica no cenário político tem sido marcante na defesa de pautas conservadoras (Boas, 2020; Corrales, 2019; Ortega, 2018).

Uma outra tática utilizada pela direita consiste em estabelecer alternativas eleitorais

não partidárias, aproveitando um contexto de ampla desaprovação da classe política como um todo e de baixa legitimidade dos partidos. Essa estratégia vem combinada de denúncias, por parte da direita, de más práticas da esquerda, como clientelismo, nepotismo e corrupção e, muitas vezes, com o discurso de que a direita é a única opção para garantir crescimento econômico e a geração de empregos. Embora seja correto afirmar que essa estratégia tenha sido adotada por líderes populistas de esquerda, como Chávez na Venezuela, é importante ressaltar que ela também foi amplamente empregada com sucesso na década de 1990 por líderes de direita, como por Fernando Collor de Mello no Brasil. (Kaltwasser, 2014).

Por último, a direita também tem utilizado a crescente insatisfação popular com a criminalidade como uma estratégia para conquistar maiorias eleitorais e se reposicionar no debate político. Nesse contexto, a segurança pública emerge como uma questão crucial nas campanhas políticas da América Latina, especialmente para os partidos conservadores, que enfrentam desafios em termos de apelo econômico e moral. Além disso, o crime transcende as fronteiras ideológicas e de classe, tornando-se um tema de extrema importância a nível nacional para vários perfis de eleitores. Sendo assim, em alguns países latinoamericanos, as elites políticas conservadoras politizam o crime por meio da promoção de políticas *mano dura* (linha dura), para implementar políticas punitivas de segurança pública que envolvem, muitas vezes, forças militarizadas. Essa estratégia tem sido vista com maior destaque em países como El Salvador, Guatemala, Honduras, Costa Rica e Panamá, mas também no Brasil, alinhada a posicionamentos conservadores (Holland, 2013; Quadros; Madeira, 2018).

Em resumo, estas são algumas das principais estratégias programáticas que vêm sendo utilizadas pela direita para voltarem a se tornar competitivas na disputa política em muitos países latino-americanos. Prosseguimos agora para a seção que aborda a renovação da direita no Brasil, onde mergulharemos nas principais estratégias e atores que têm moldado o cenário político do país. Neste contexto, buscaremos compreender as transformações e dinâmicas que impulsionaram a ascensão da nova direita brasileira.

## **2.2. A reemergência da direita brasileira**

No Brasil, a direita que atuava no cenário político desde a redemocratização lidou com alguns desafios. Em primeiro lugar, atores de direita que tinham uma relação de interlocução com o regime militar acabaram perdendo o prestígio e a importância que tinham durante a ditadura (Rocha, 2021, p. 18). Não só políticos, mas eleitores, intelectuais e simpatizantes de direita começaram a ter medo de serem associados ao regime militar, por isso, deixaram de se

vincular ao rótulo de direita e a amenizar seus posicionamentos, fenômeno conhecido como “direita envergonhada”.

Além disso, os anos de governo petista foram acompanhados por um aumento na representação da esquerda no Congresso Nacional, que conseguiram dialogar com as classes mais baixas do eleitorado em torno da politização da desigualdade e com a formulação de políticas redistributivas (Borges; Vidigal, no prelo). Isso não significa dizer que a direita no Brasil tenha deixado de existir. Mas, como Quadros e Madeira evidenciam, “as quatro vitórias sucessivas do Partido dos Trabalhadores nas eleições presidenciais estimulariam setores da oposição na busca de alguma ressignificação a fim de se manterem como *players* viáveis” (Quadros; Madeira, 2018, p. 488).

Dessa forma, a direita encontrou um terreno fértil para seu desenvolvimento a partir do crescimento do antipetismo, que está relacionado aos escândalos de corrupção em governos de esquerda: o Mensalão, em 2006, e a Lava-Jato, em 2014 (Tatagiba, 2018, p. 121). Durante e após esses escândalos surgiram novos movimentos e atores políticos dispostos a reafirmar a sua identidade de direita, em contraste com a “direita envergonhada” (Rocha, 2021, p. 19).

Após o Mensalão, as investigações da Lava-Jato sucederam em um cenário de crise política no Brasil, o que motivou a organização de um movimento heterogêneo, composto por pessoas que não se consideravam representadas ou estavam insatisfeitas com os escândalos de corrupção e as propostas dos governos de esquerda. Por esse movimento, o Partido dos Trabalhadores (PT) vinha sendo vinculado à corrupção, assim como começava a ser difundido o entendimento de que a corrupção era o principal problema do país, sendo a solução lógica o “Fora PT” e as campanhas pró- impeachment (Tatagiba, 2018, p. 125). A associação da direita com movimentos da sociedade civil organizada, como as campanhas pró-impeachment, apresentou uma novidade, já que antes a direita brasileira era reconhecida por ter baixa interação com protestos (Rocha, 2021, p. 9).

Outra rede importante para veiculação das mensagens antipetistas foi o movimento neopentecostal, também uma novidade, que começou a associar entendimentos religiosos de uma guerra contra o mal ao espírito do antipetismo (Tatagiba, 2018, p. 120).

Diferente da nova direita, que passou a dialogar com o movimento neopentecostal, o perfil da direita tradicional era moldado por organizações seculares, sem vínculos diretos à religiosidade, e com raízes no autoritarismo e na ditadura militar, o que suscitou no fenômeno da “direita envergonhada”. Entre os anos de moderação e de envergonhamento da direita, a esquerda brasileira foi capaz de conquistar vitórias sucessivas nas eleições e grupos



minoritários, como LGBTs e a população negra, iam conquistando legitimidade em meio a avanços e recuos (Rocha, 2021, p. 19).

As sucessivas vitórias da esquerda, somadas ao sentimento de falta de representatividade e insatisfação de parte do eleitorado, anunciavam um problema de *branding* de partidos de direita: era necessário adotar novas estratégias para mobilizar o eleitorado e se manterem competidores viáveis na disputa eleitoral (Rocha, 2021, p. 19). É nesse cenário que emergem as novas direitas. O adjetivo “novo” representa o desenvolvimento de novos recursos políticos, estratégias e capacidade de reação e não meramente uma mudança ideológica (Corrales, 2019).

Sendo assim, a nova direita brasileira tem explorado mecanismos não eleitorais para se tornar competitiva. Além da tendência de estabelecer maiores vínculos com movimentos sociais, a direita vem estabelecendo conexões com identidades religiosas: as igrejas evangélicas latino-americanas estão adquirindo capacidade de formar alianças com atores políticos tradicionais, com partidos políticos e com organizações não-governamentais. Tal ocorrência atribui ao grupo uma influência na tomada de decisão, o que é uma novidade para os evangélicos, que há algumas décadas não eram muito expressivos na América Latina (Corrales, 2019, p. 2). No Brasil, uma de suas características é a defesa de agendas conservadoras somadas à politização de temas como casamento homoafetivo, aborto e identidade de gênero (Quadros; Madeira, 2018).

Além disso, a nova direita brasileira vem desenvolvendo opções eleitorais não partidárias em um cenário de insatisfação com a classe política, provindo das crises econômicas e políticas nos governos petistas, que se apresentam desde o Mensalão, em 2006, até o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, dez anos depois. O antipetismo e a desconfiança nos partidos políticos dão força a candidatos *outsiders* (aqueles que, antes de serem eleitos, não haviam passado por cargos políticos, eletivos ou não), que reforçam uma postura *antiestablishment* (antissistema), muitas vezes também populista.

Para Mudde, o populismo, em sua definição ideacional, é mais do que uma estratégia ou um estilo político: ele é uma característica ideológica. De acordo com Mudde, o populismo é uma ideologia que considera que a sociedade está, em última análise, separada em dois grupos homogêneos e antagônicos, "o povo puro" e "a elite corrupta", e que defende que a política deve ser uma expressão da *volonté générale* (vontade geral) do povo (Mudde, 2007, p. 23). Em uma democracia populista, nada é mais importante do que a vontade geral do povo, nem mesmo os direitos humanos ou as garantias constitucionais. O populismo, pois, é

intrinsecamente maniqueísta e enfatiza a diferença normativa entre a "elite" e o "povo". Na visão populista, os opositores são considerados inimigos e representantes do mal, e não apenas divergentes em termos de valores e prioridades (Mudde, 2004). Desse modo, o populismo também é uma estratégia, ou mais do que isso, uma ideologia, que vêm sendo incorporada às novas direitas no Brasil.

As estratégias populistas têm se mostrado particularmente atraentes para a direita devido à sua capacidade de colocar em segundo plano ou suavizar posições programáticas relacionadas ao papel do Estado na economia e na redução das desigualdades, posições que muitas vezes não encontram apoio entre os eleitores de baixa renda. Essa abordagem é viabilizada pela ênfase na oposição simplificada entre elite e povo, assim como pela liderança *antiestablishment* (Kaltwasser; Mélenlez, 2019). Com variações e sutilezas específicas, os populistas de direita no Brasil frequentemente se baseiam no desencanto dos eleitores em relação à classe política tradicional, em um contexto de crescente criminalidade, escândalos de corrupção e crise econômica. O objetivo é construir coalizões eleitorais multiclassistas, unindo eleitores de diferentes classes sociais em torno de uma narrativa de mudança e renovação política (Borges; Vidigal, no prelo).

Em resumo, a bem-sucedida politização da desigualdade pela esquerda pós-redemocratização e o aumento do número de parlamentares de esquerda nos governos do PT (que veio acompanhado da defesa de uma agenda de políticas públicas redistributivas e de inclusão social) anunciava um problema dos partidos de direita: era necessário desenvolver novas táticas para mobilizar o eleitorado. Assim, a direita brasileira tem utilizado duas principais estratégias. A primeira delas consiste na aliança com movimentos sociais e com igrejas evangélicas, que vêm influenciando na tomada de decisão e na discussão de uma agenda conservadora (contra pautas como aborto e casamento homoafetivo e a favor de uma agenda de segurança pública mais punitiva). Já a segunda é pautada no desenvolvimento de candidaturas não partidárias e muitas vezes populistas, centradas em discursos antipartidos que denunciam práticas negativas da esquerda, como clientelismo, nepotismo e corrupção e afirmam que a direita é a única alternativa capaz de promover o crescimento econômico do país.

Após o delineamento das principais estratégias adotadas pela nova direita brasileira, prosseguimos com uma análise da literatura que explora os fatores influenciadores da identificação partidária no Brasil.

### **2.3. Determinantes da identificação partidária no Brasil**

O conceito de identificação partidária, introduzido na década de 1960, refere-se aos sentimentos positivos que os eleitores nutrem em relação aos partidos políticos, como uma espécie de ligação entre partidos políticos e eleitores (Rennó; Cabello, 2010, p. 45). Entretanto, em países cujos sistemas democráticos foram estabelecidos mais recentemente, essas ligações entre partidos políticos e eleitores tendem a ser menos sólidas e ideológicas, principalmente devido ao nível de institucionalização do sistema partidário (Mainwaring; Torcal, 2005; Samuels; Zucco, 2014).

Em meio às novas democracias, o Brasil apresenta peculiaridades próprias. Com o golpe militar de 1964, que inaugurou um período de ditadura no Brasil, o sistema partidário do país sofreu uma alteração profunda, transitando para um formato bipartidário. Posteriormente, no curso da redemocratização, o panorama político nacional passou por uma nova reestruturação, culminando na instituição de um sistema multipartidário (Lamounier, 1988; Speck; Balbachevsky, 2016).

Este novo formato propiciou o surgimento de uma variedade de partidos políticos, tanto por meio de cisões de partidos já existentes - que haviam acumulado capital eleitoral e organizacional durante o bipartidarismo - quanto de fusões entre diferentes partidos e grupos sociais. Nesse quadro dinâmico e complexo, o eleitorado brasileiro teve o desafio de se adaptar e familiarizar com uma gama diversificada de opções partidárias. Esse processo demandou dos eleitores um esforço considerável para compreender e distinguir entre os diversos perfis ideológicos e programáticos (Paiva; Braga; Pimentel, 2007, p. 389).

Mesmo após mais de 30 anos da redemocratização, o cenário no Brasil ainda é marcado por um baixo nível de identificação partidária (ou até mesmo de diferenciação entre os partidos) e por uma elevada volatilidade das preferências do eleitorado em cada eleição (Guedes-Neto, 2020).

No entanto, uma parcela significativa da literatura especializada sugere que a identificação partidária vem decrescendo em muitas democracias (Gimenes et. al, 2016). Além disso, ao analisar a situação brasileira, Braga e Pimentel Junior argumentam que a conexão entre eleitores e partidos, quando comparada a outros países, não é tão negativa quanto alguns estudiosos podem supor. Entre 2000 e 2005, o Brasil se posicionou ligeiramente acima da média mundial, com 49,5% de identificação partidária (Braga; Pimentel Junior, 2011).

Diante disso, inúmeras pesquisas empíricas recentes têm direcionado seus esforços

para entender as condições que propiciam a identificação partidária. Tal foco decorre do reconhecimento de que essa dimensão continua sendo uma ferramenta eficaz para compreender o comportamento eleitoral em sociedades contemporâneas (Gimenes et. al, 2016, p. 128).

No contexto brasileiro, há uma preponderância de eleitores que se identificam com o Partido dos Trabalhadores (PT), o que direciona grande parte das pesquisas sobre partidarismo para esse grupo específico de eleitores. Além disso, por serem a maioria, quaisquer mudanças nas características do eleitorado do PT, de certa forma, refletem e moldam o perfil do total de eleitores brasileiros que se identificam com partidos políticos. Sendo assim, as transformações no eleitorado petista têm um impacto direto na composição geral dos simpatizantes partidários no país (Gimenes et. al, 2016, p. 129).

Tendo em vista que os petistas são sobrerrepresentados entre os eleitores que expressam identidade com algum partido (Speck; Balbachevsky, 2016), seguimos para um levantamento dos principais determinantes da identificação partidária no Brasil ao longo dos anos.

Alguns estudos apontam a classe social como a principal clivagem da política brasileira. Esta distinção é especialmente notável ao examinar os apoiadores dos partidos PT e PSDB, que lideraram as disputas eleitorais no Brasil de 1994 a 2014 (Speck; Balbachevsky, 2016). Neste contexto, o PT atraiu predominantemente a classe trabalhadora, enquanto o PSDB era a escolha preferencial das classes mais favorecidas, embora esta tendência tenha se modificado ao longo do tempo. Isso é de se esperar dado os esforços, por parte do PT, para politizar a desigualdade e mobilizar os eleitores de classes mais baixas (Guedes-Neto, 2020).

No entanto, alguns pesquisadores contestam a relevância dos fatores socioeconômicos como indicadores de preferências partidárias no Brasil. De acordo com Gimenes et al. (2016), no período de 2002 a 2014, fatores socioeconômicos não desempenharam um papel significativo na explicação da identificação partidária, com a exceção do gênero. Segundo o estudo, os homens se mostraram mais inclinados a se identificar com partidos políticos do que as mulheres, enquanto outros aspectos, como a renda, não apresentaram relevância significativa.

Gimenes aponta ainda que, no ano de 2002, eleitores brasileiros partidários tinham, em geral, maior nível de escolaridade comparado aos não-partidários. Contudo, essa tendência não se manteve nos anos de 2006 e 2010. Embora a escolaridade seja considerada um importante recurso para o engajamento cognitivo, há outros fatores que contribuem para a

criação de um eleitor mais informado e, por consequência, mais interessado no avanço democrático. Tais fatores incluem o interesse pela política, o conhecimento político e o acesso à informação (Gimenes et. al, 2016, p. 131).

Além disso, a avaliação retrospectiva do governo, baseadas no desempenho passado do governante, também é uma métrica que têm efeito sobre a identificação partidária a depender do ano, principalmente quando se trata da avaliação de um candidato buscando a reeleição. Para exemplificar este cenário, de acordo com Rennó e Cabello, em 2006 os petistas eram mais propensos a avaliar positivamente o mandato anterior de Lula do que outros eleitores (Rennó; Cabello, 2010, p. 51).

Outro aspecto influente na identificação partidária, particularmente entre os simpatizantes do PT, é o fenômeno do personalismo, que engloba as avaliações afetivas em relação a Lula. Conforme discutido por Samuels (2004), a percepção positiva manifestada pelo eleitorado em relação a Lula contribuiu significativamente para a identificação desses eleitores com o PT, especialmente na eleição de 2002.

Um ponto que também merece atenção diz respeito às opiniões dos simpatizantes de partidos sobre tópicos específicos, como o aumento do salário mínimo ou a integração da Venezuela ao Mercosul. Conforme apontado por Samuels e Zucco (2014), é comum que muitos apoiadores partidários discordem ideologicamente das posições de seus respectivos partidos em diversos temas. Contudo, quando são informados sobre a posição de seu próprio partido ou do principal partido adversário (ou ambos), os brasileiros que se identificam com o PT ou o PSDB tendem a se alinhar com a posição do seu partido. Segundo os autores, isso se dá como uma tentativa de reduzir a dissonância cognitiva, que é o estado de desconforto causado pela contradição entre crenças e comportamentos. As pessoas são intrinsecamente motivadas a garantir a harmonia entre suas crenças e ações, e quando percebem uma inconsistência, se esforçam para minimizá-la. (Samuels; Zucco, 2014).

Finalmente, pesquisas mais recentes, como a de Guedes-Neto (2020), indicam que, em 2018, os simpatizantes do PSL (ex-partido de Jair Bolsonaro) demonstraram uma inclinação maior à ordenação social. Este fenômeno, amplamente estudado nos Estados Unidos, ocorre quando identidades de grupos (como religião e raça) se associam cada vez mais à identificação com um partido específico (Guedes-Neto, 2020). No caso do PSL, elementos como gênero, raça, escolaridade e religião moldaram a simpatia por este partido. O perfil predominante entre os simpatizantes do PSL incluía homens brancos, de alta escolaridade e protestantes.

Em conclusão, a identificação partidária no Brasil pode ser determinada por diversos fatores que variam ao longo do tempo. Esses fatores incluem classe social, raça, gênero, nível de educação, interesse e conhecimento político, avaliação retrospectiva do governo, sentimentos pessoais em relação a líderes políticos específicos e identidades como religião. Estes fatores não são mutuamente exclusivos, mas interagem de maneiras complexas contribuindo conjuntamente para a formação do perfil dos eleitores partidários brasileiros.

Como o objetivo deste estudo é analisar o perfil dos simpatizantes do PL, partiremos, agora, para essa etapa. Os detalhes da abordagem e os métodos utilizados serão elucidados na próxima seção, dedicada à metodologia.

### 3. METODOLOGIA

Para traçar o perfil dos simpatizantes do PL, foi realizada análise de dados secundários, que foram obtidos de um *survey* aplicado em 2023 como parte do projeto "Clivagens Políticas no Brasil", coordenado pela UFSC.

Neste *survey*, foram conduzidas entrevistas com amostras representativas da população brasileira sobre temas relacionados a governo, eleições e comportamento político. Dele, foram selecionadas perguntas de confiança nas instituições democráticas, avaliação retrospectiva do governo, apoio ao casamento homoafetivo e ao aborto, de religião, de renda, de escolaridade, de apoio a políticas redistributivas e políticas de segurança pública<sup>4</sup>. Estas variáveis se mostram relevantes tanto para analisar o impacto da reestruturação programática da direita entre seus apoiadores, quanto para esboçar um perfil demográfico dos simpatizantes do partido.

A pergunta utilizada para medir a simpatia partidária foi uma pergunta de termômetro afetivo: O(a) Sr(a) poderia informar o quanto gosta ou não gosta dos partidos políticos a seguir? Com base numa escala que vai de 0 a 10, na qual 0 significa “não gosto de jeito nenhum” e 10 significa “gosto muito”. As respostas foram recolhidas considerando os seguintes partidos: PT, MDB, PL (Partido do Bolsonaro) e Partidos do Centrão.

Foram classificados como simpatizantes partidários aqueles que atribuíram o valor máximo de 10 para algum partido e não deram uma nota superior a 7 para os demais partidos.

Contudo, essa pergunta apresenta limitações para medir a simpatia partidária, já que a quantidade de partidos disponíveis para avaliação é muito menor que o número total de partidos brasileiros. Por consequência, nem todos os simpatizantes de partidos podem ser abrangidos por ela. Porém, como o objetivo deste estudo é analisar o perfil dos simpatizantes do PL, essa limitação não é significativa para a pesquisa. É relevante destacar também que a pergunta engloba o PT, o partido com maior número de simpatizantes no Brasil (Speck; Balbachevsky, 2016).

Uma outra limitação da pergunta é que foi citado, para os respondentes, que o PL é o Partido do ex-presidente Jair Bolsonaro. Essa associação do PL com o Bolsonaro pode introduzir um viés, pois pode induzir as opiniões dos entrevistados baseando-se na popularidade ou infâmia de Bolsonaro. Isto é, pessoas que possuem opiniões fortes (positivas ou negativas) sobre Bolsonaro podem responder com base nessas opiniões, ao invés de basear

---

<sup>4</sup> As perguntas utilizadas estão descritas no apêndice A

suas respostas na afinidade com o PL como um todo.

Apesar de isso representar uma limitação no estudo do partidarismo, já era esperado que a simpatia pelo PL estivesse associada à figura de Jair Bolsonaro, tendo em vista que, anteriormente, o partido não possuía uma base muito significativa de apoiadores. Entretanto, durante a candidatura de Bolsonaro, houve um crescimento expressivo no apoio ao partido, como sugerem as pesquisas de simpatia partidária realizadas pela Datafolha<sup>5</sup>.

De qualquer forma, essa limitação foi levada em consideração ao interpretar os resultados. Sugere-se que pesquisas futuras abordem a identificação partidária evitando associações diretas com figuras políticas específicas. Isso ajudará a obter uma representação mais precisa da simpatia partidária.

Prosseguindo com a apresentação da metodologia, a abordagem de análise utilizada para traçar o perfil dos simpatizantes do PL foi o método de regressão logística binária com erros-padrão robustos. Esse método de análise é particularmente adequado para o estudo visto que seu objetivo é analisar a probabilidade de um indivíduo se identificar com um partido em particular com base em várias variáveis independentes. Dado que as variáveis dependentes são binárias (isto é, um indivíduo se identifica ou não com um partido), a regressão logística é a abordagem mais apropriada. Como variável de referência (utilizada como uma base para comparação na análise estatística) no modelo de análise dos simpatizantes do PL foi adotada a simpatia pelo PT.

É importante ressaltar que os dados atendem a todas as suposições necessárias para a regressão logística binária com erros-padrão robustos (como a independência das observações e a ausência de multicolinearidade).

Não somente a regressão logística foi utilizada na análise, como também foram aplicados testes de diferença de médias (t-Test) e o teste t de Student para comparar os dois grupos de simpatizantes: PT e PL.

Em suma, foram utilizados dados do projeto 'Clivagens Políticas no Brasil', da UFSC, para estudar o perfil dos simpatizantes do PL. Ferramentas como regressão logística binária, teste t de Student e teste de diferença de médias foram aplicadas para examinar variáveis como confiança institucional e apoio a políticas específicas. Apesar das limitações, como a associação do PL a Bolsonaro, a metodologia empregada proporcionou um entendimento eficaz dos perfis dos simpatizantes do PL e do PT.

No capítulo seguinte é apresentada a análise dos dados.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniao-e-sociedade/2022/10/pt-tem-mais-simpatizantes-35-mas-tambem-e-sigla-mais-rejeitada-39.shtml>



#### 4. ANÁLISE COMPARATIVA: PERFIL DOS SIMPATIZANTES DO PL E DO PT

A Tabela 1 apresenta a divisão do partidarismo no Brasil em 2023 como proporção de todos os eleitores e como proporção daqueles que expressam uma preferência partidária.

**Tabela 1 – Identificação partidária (IP) por partido no Brasil (2023)**

| <b>Partido</b> | <b>% IP em população</b> | <b>% de IP válida</b> | <b>% voto, 2022</b> |
|----------------|--------------------------|-----------------------|---------------------|
| PT             | 16,0                     | 59,3                  | 48,4                |
| PL             | 9,9                      | 36,8                  | 43,2                |
| Outros         | 1,1                      | 4,0                   | 8,4                 |
| Total          | 27                       | 100                   | 100                 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do projeto “Clivagens Políticas no Brasil” (2023) e TSE.

A coluna "% IP em população" indica o percentual de identificação partidária em relação ao total da população. Segundo os dados, 16% da população se associa ao PT, 9,9% ao PL e somente 1,1% a outros partidos, totalizando 27% de identificação partidária. Entretanto, devemos considerar que a pergunta utilizada para a identificação partidária pode ter uma limitação, pois não inclui todos os partidos políticos existentes, possivelmente subrepresentando a totalidade do partidarismo no Brasil.

De todo modo, apesar de sua história modesta em termos de apoio popular, em 2023 o PL desfruta de uma simpatia partidária significativa, representando quase 10% da população. Esse dado aponta para uma mudança potencialmente notável no cenário político brasileiro, com o PL ganhando força entre os eleitores. É uma demonstração de como as preferências partidárias podem evoluir e transformar-se ao longo do tempo, moldadas por uma variedade de fatores.

A coluna "% de IP válida" apresenta a proporção de indivíduos que manifestaram uma identificação partidária válida, desconsiderando os que não expressaram preferências. Os dados indicam que, dentre aqueles que declararam uma preferência partidária, a maior parcela (59,3%) se vincula ao PT, corroborando a posição do PT como o partido com o maior número de adeptos. Entretanto, observa-se também que 36,8% desses indivíduos se identificam com o PL, um valor expressivo sobretudo quando consideramos o histórico do PL, que

anteriormente não detinha de amplo apoio popular.

Finalmente, a coluna "% voto, 2022" mostra a distribuição de votos nas eleições de 2022, com o PT e o PL recebendo 48,4% e 43,2% dos votos respectivamente, indicando uma diferença menor no voto popular entre os dois partidos em comparação à identificação partidária.

Em sequência, a Tabela 2 apresenta os resultados obtidos através da regressão logística binária. Como mencionado anteriormente, esse método estatístico permite modelar a probabilidade de um evento ocorrer (neste caso, ser simpatizante do PL) com base em várias variáveis independentes.

**Tabela 2 – Probabilidade de apoiar o PL**  
**Coefficientes de regressão logit com erros-padrão robustos**

| <b>Variáveis independentes</b>       | <b>Coefficiente (erro-padrão)</b> |
|--------------------------------------|-----------------------------------|
| Mulher                               | 0,035<br>(0,417)                  |
| Branco                               | 1,165***<br>(0,424)               |
| Evangélico                           | 0,919*<br>(0,444)                 |
| Renda – Até 2 SM                     | 0,552<br>(0,551)                  |
| Renda – Entre 2 a 5 SM               | 0,017<br>(0,751)                  |
| Renda – Mais de 5 SM                 | 1,614<br>(1,004)                  |
| Escolaridade – Ensino médio          | 0,884<br>(0,638)                  |
| Escolaridade – Ensino superior       | -1,049<br>(1,153)                 |
| Interesse por política               | -0,927*<br>(0,409)                |
| Avaliação do governo Bolsonaro       | 2,952***<br>(0,541)               |
| Casamento homoafetivo                | -0,095*<br>(0,048)                |
| Aborto                               | -0,061<br>(0,046)                 |
| Apoio à democracia                   | -1,362*<br>(0,547)                |
| Políticas de redução da desigualdade | -0,201**<br>(0,061)               |
| Redução da maioria penal             | 0,176**<br>(0,057)                |
| Proibição de venda de armas de fogo  | -0,043<br>(0,043)                 |

Fonte: Calculado pela autora com dados do projeto “Clivagens Políticas no Brasil” (UFSC). Erro-padrão entre parênteses. \*p<0,05; \*\*p<0,01; \*\*\*p<0,001.

Em primeiro lugar, cabe destacar que certas variáveis não apresentam um impacto significativo na probabilidade de uma pessoa ser simpatizante do PL em relação ao PT. Entre essas variáveis está o gênero. Apesar de haver uma pequena diferença na probabilidade de mulheres se identificarem com o PL ao invés do PT, essa variação não é estatisticamente relevante. Isso implica que não é possível afirmar que há uma maior probabilidade de homens ou mulheres se identificarem com o PL.

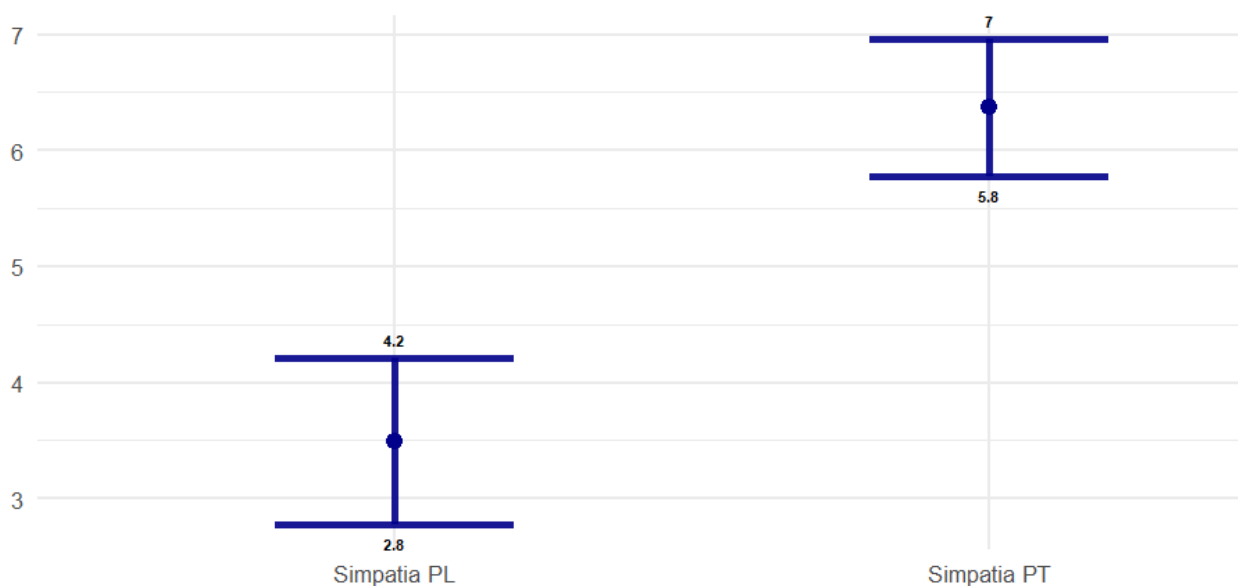
Os resultados também mostram que a variável renda não apresenta efeito significativo na probabilidade de ser simpatizante do PL. Isso significa dizer que, pelo menos no ano de 2023, a classe socioeconômica não esteve diretamente relacionada nem com a identificação partidária com o PL, nem com o PT. Este resultado corrobora a noção de que a identidade de classe está sendo diluída em meio a outras identidades com a ascensão das novas direitas no Brasil. Se há alguns anos classes mais baixas eram associadas à simpatia pelo PT, isso hoje não pode ser confirmado. O mesmo vale para os simpatizantes do PL, que não estão associados às classes mais altas do eleitorado.

Da mesma forma, o nível de escolaridade, apesar de apresentar uma pequena tendência em reduzir a probabilidade de simpatizar com o PL, não apresenta significância estatística. Portanto, a escolaridade não atua como um preditor da identificação partidária para nenhum dos partidos analisados. Assim, declarações como “quem estuda não é petista” (e vice-versa) não encontram respaldo empírico.

Um tema que também não pode indicar a probabilidade de simpatia ao PL é a proibição de venda de armas de fogo. Mesmo que aqueles que apoiam a proibição da venda de armas de fogo tenham menor probabilidade de se identificar com o PL em comparação ao PT, a diferença não é estatisticamente significativa.

Além disso, embora o apoio à decisão de uma mulher de fazer ou não um aborto possa influenciar ligeiramente as probabilidades de identificação partidária, esses resultados não são estatisticamente significativos. Em outras palavras, não existem diferenças substanciais entre os simpatizantes do PT e do PL em relação à questão do aborto. O Gráfico 1, a seguir, compara as médias de apoio à autonomia das mulheres em relação ao aborto, por simpatia partidária.

**Gráfico 1 – Médias de apoio à decisão da mulher sobre o aborto por simpatias partidárias**



Fonte: Elaboração própria com dados do projeto “Clivagens Políticas no Brasil” (UFSC).

\*Respostas em escala de 0 (discorda totalmente) a 10 (concorda totalmente).

Embora o modelo de regressão indique que as opiniões sobre a realização do aborto não possam prever diretamente a probabilidade de simpatia por PL ou PT, uma análise mais detalhada das médias (Gráfico 1) revela uma divergência considerável nas opiniões dos simpatizantes de ambos os partidos. Observa-se que os petistas apresentam maior inclinação à defesa do direito da mulher de optar ou não pelo aborto. Por outro lado, os simpatizantes do PL mostram-se mais conservadores quanto a essa questão.

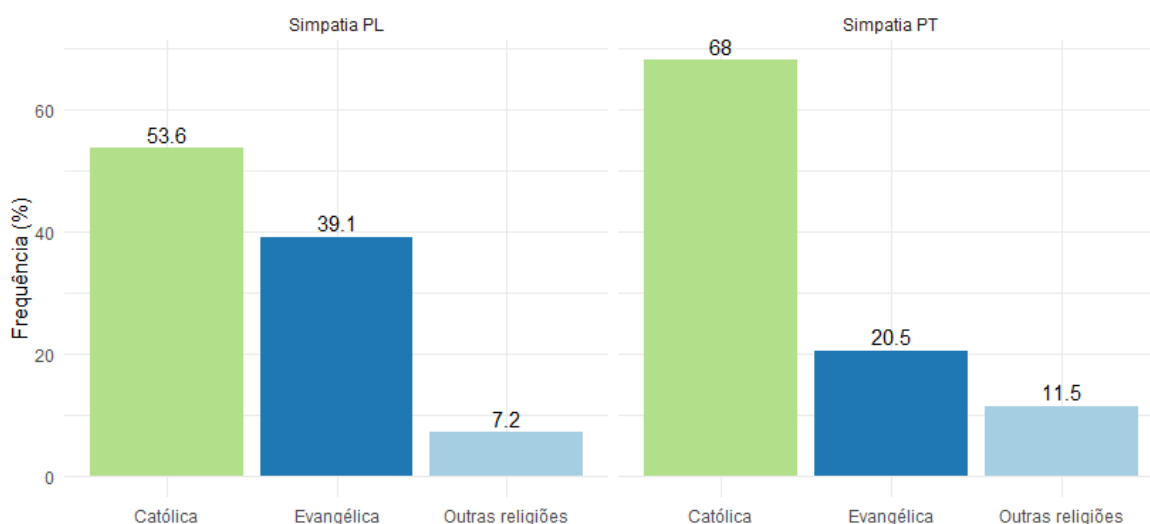
Avançando para as variáveis que apresentaram resultados significativos, a raça surge como o primeiro fator a ser destacado. De acordo com a análise, indivíduos brancos tendem a se identificar mais com o PL em comparação ao PT, e essa diferença é estatisticamente significativa a um nível de 1%. Este dado corrobora o estudo de Guedes-Neto (2020), no qual foi delineado o perfil do simpatizante do PSL, constatando que a raça branca prediz essa inclinação. Tal fator poderia estar associado ao fenômeno de ordenação social previamente mencionado, onde identidades de grupos, como raça e religião, tornam-se cada vez mais vinculadas à identificação com um partido específico - no caso, o PL.

Outra variável que influencia a probabilidade de um eleitor se identificar com o PL é a filiação à religião evangélica. Os dados indicam que os evangélicos têm uma probabilidade maior de simpatizar com o PL em comparação ao PT, com esta diferença sendo

estatisticamente significativa a um nível de 0,05. Essa descoberta está alinhada à discussão teórica levantada anteriormente, que destacava como as novas direitas brasileiras conseguem mobilizar o eleitorado através do cristianismo evangélico. De fato, é perceptível que os evangélicos se estabeleceram como uma base de apoio para o Partido Liberal.

Abaixo, o Gráfico 2 apresenta a distribuição religiosa dos eleitores, estratificada de acordo com a identificação partidária. Observa-se que, embora exista uma presença marcante de católicos em ambos os partidos, os evangélicos demonstram uma maior prevalência entre os simpatizantes do PL em comparação ao PT.

**Gráfico 2 – Religião dos eleitores por simpatias partidárias**



Fonte: Elaboração própria com dados do projeto “Clivagens Políticas no Brasil” (UFSC).

O interesse por política também é um preditor da simpatia pelo PL. Os resultados indicam que aqueles com maior interesse por política têm menor probabilidade de se identificar com o PL em comparação ao PT. Essa diferença pode sugerir que o eleitorado do PL pode ser menos engajado politicamente ou menos informado sobre política em comparação ao do PT. Isso talvez porque o PT tem uma longa história de mobilização política e sindical, que pode atrair eleitores com maior interesse em política. Enquanto isso, o PL, que tem apelado para um eleitorado mais diversificado, pode não atrair na mesma proporção simpatizantes muito engajados politicamente.

Uma outra variável que é altamente preditora da simpatia partidária pelo PL é a avaliação retrospectiva do governo Bolsonaro. Aqueles que avaliaram positivamente a

situação econômica do governo Bolsonaro têm maior probabilidade de se identificar com o PL em comparação ao PT. De acordo com a literatura, a avaliação retrospectiva do governo, baseadas no desempenho passado do governante, realmente é uma métrica que têm efeito sobre a identificação partidária a depender do ano, principalmente quando se trata da avaliação de um candidato buscando a reeleição. Nesse caso, como Bolsonaro estava buscando a reeleição pelo PL em 2022, este fato pode explicar o aumento da identificação partidária com o PL entre aqueles que têm uma percepção positiva de seu governo.

Tratando agora das variáveis programáticas, que visam analisar a opinião dos simpatizantes do PL, observa-se que a opinião sobre o casamento homoafetivo influencia a identificação partidária com o PL. Os dados indicam que aqueles que apoiam o casamento homoafetivo têm menor probabilidade de se identificar com o PL em comparação ao PT, o que reforça a teoria de que os simpatizantes do PL possam ser mais conservadores em questões relacionadas à homossexualidade e à família.

Um outro preditor da simpatia no PL é o apoio à democracia. Aqueles que indicaram que em algumas circunstâncias, um governo autoritário pode ser preferível a um democrático têm mais chances de simpatizarem com o PL. Esse resultado dialoga com a nova estratégia da direita de apoio à candidaturas não partidárias que reforçam discursos *antiestablishment* (antissistema) e questionam valores democráticos e a defesa das instituições políticas.

O apoio às políticas de redução da desigualdade entre ricos e pobres é outra variável preditiva na simpatia pelo PL. De acordo com os resultados, aqueles que apoiam políticas de redução da desigualdade têm menor probabilidade de se identificar com o PL em comparação ao PT. Isso pode indicar que, pelo menos na percepção do público, o PT é visto como um partido que favorece mais fortemente essas políticas, enquanto o PL pode ser percebido como menos focado em questões de desigualdade. Isso pode ser resultado do esforço constante do PT, e também de outros partidos de esquerda, em mobilizar a questão da desigualdade.

Finalmente, a última variável do modelo de regressão que determina a simpatia pelo PL é a posição em relação à redução da maioria penal. Os que apoiam essa medida têm maior probabilidade de se identificar com o PL em comparação ao PT, indicando que os simpatizantes do PL podem ser mais propensos a adotar posições políticas mais rigorosas no combate ao crime, incluindo a redução da maioria penal.

Os resultados serão sintetizados e discutidos no próximo capítulo, que é inteiramente dedicado a esta análise.

## 5. DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

A análise da identificação partidária revelou uma complexa teia de variáveis que influenciam a probabilidade de um indivíduo simpatizar com o PL, destacando que as preferências partidárias no Brasil são produto de múltiplas identidades e opiniões sobre questões políticas que variam ao longo do tempo conforme a mobilização de estratégias, pelas elites políticas, para engajar o eleitorado.

Em termos de fatores demográficos, foi descoberto que a raça e a religião desempenham um papel significativo na definição das simpatias partidárias pelo PL. Os eleitores brancos e evangélicos mostraram uma maior tendência a se identificar com o PL em comparação ao PT, sugerindo que a dinâmica racial e religiosa é um fator importante na política brasileira contemporânea. Esses resultados corroboram a literatura existente, como o estudo de Guedes-Neto (2020), e mostram a influência das estratégias das novas direitas no Brasil em mobilizar identidades transversais às classes sociais.

Contrariamente ao que se poderia esperar, variáveis como gênero, renda, nível de escolaridade e opiniões sobre o aborto não apresentaram impacto significativo na probabilidade de um indivíduo se identificar com o PL ou PT. Isso sinaliza que a identificação partidária no Brasil está progressivamente se desvinculando das tradicionais divisões de classe social, e está se realinhando ao redor de outras identidades. Ademais, indica que certos tópicos frequentemente associados à agenda da nova direita, como oposição ao aborto, podem não ser tão diferentes da esquerda quanto se pensa.

Em relação à participação política, foi visto que aqueles com maior interesse por política são menos propensos a se identificar com o PL do que com o PT, o que pode sugerir um menor engajamento político entre os simpatizantes do PL. Entretanto, são necessárias pesquisas adicionais para confirmar esta hipótese.

Por fim, em relação às questões políticas, foi encontrado que a avaliação retrospectiva do governo Bolsonaro, o apoio ao casamento homoafetivo, a opinião sobre a democracia, a opinião sobre políticas de redução da desigualdade e a posição em relação à redução da maioria penal são variáveis significativas na predição da simpatia pelo PL.

Isso indica que as bases de apoio no PL, quando comparada às do PT, são estruturadas em diversas características, que abrangem desde avaliações positivas do governo Bolsonaro, até visões mais conservadoras sobre a homossexualidade, valores democráticos e o combate ao crime, bem como às políticas de redução da desigualdade.

Em síntese, os achados indicam que a política brasileira está progressivamente sendo

moldada por clivagens de identidade e opiniões sobre questões políticas, mais do que simplesmente por classe ou renda. Ademais, os resultados também apontam o êxito da direita brasileira em mobilizar outras identidades na busca por se tornar um participante viável no cenário político nacional.

No capítulo a seguir, é apresentada a conclusão do trabalho.



## 6. CONCLUSÃO

Neste estudo, foi empreendida a missão de decifrar o perfil dos simpatizantes do Partido Liberal (PL), explorando a intersecção deste perfil com as táticas empregadas pela emergente direita brasileira. Em linhas gerais, estas táticas se fundamentam em alianças estratégicas com movimentos sociais e congregações evangélicas, cuja influência é decisiva na configuração de uma agenda conservadora. Esta agenda se opõe veementemente a temas como aborto e casamento homoafetivo, promovendo uma linha de segurança pública de maior rigidez. Outra tática discernível é a promoção de candidaturas não partidárias, frequentemente de cunho populista, que denunciam práticas atribuídas à esquerda, como clientelismo, nepotismo e corrupção, propondo a direita como única alternativa viável para o progresso econômico do país.

A investigação do perfil dos simpatizantes do PL ressalta a congruência entre suas inclinações e as estratégias adotadas pela direita para mobilizar o eleitorado. Em contraste com os apoiadores do PT, aqueles que se identificam com o PL têm maior probabilidade de serem brancos, evangélicos e resistirem a temas como casamento homoafetivo e redução da maioria penal. Estas características ressoam com a agenda conservadora, que tem como um de seus pilares o cristianismo evangélico. Ademais, os apoiadores do PL demonstram uma inclinação maior por governos autoritários em detrimento de democráticos em algumas circunstâncias, refletindo os discursos antissistema, contrários às instituições democráticas propagados pela direita.

Divergências também podem ser observadas na avaliação do governo Bolsonaro e no nível de interesse político entre os simpatizantes dos dois partidos. Os adeptos do PL tendem a avaliar positivamente o governo Bolsonaro e manifestam um interesse político menos intensivo que os simpatizantes do PT. Este último ponto pode ser atribuído à forte ligação do PT com movimentos sociais e sindicatos, aspecto que não é tão saliente no PL. Contudo, ainda se faz necessário conduzir estudos adicionais para corroborar esta hipótese.

Logo, a simpatia pelo PL parece transcender as clivagens de classe, permeando o discurso de ordenação social. Contudo, também é necessário aprofundar os estudos para verificar o papel efetivo desta ordenação no cenário político brasileiro.

Uma das limitações desse estudo é que ele investiga as bases do PL somente a partir da perspectiva de seus simpatizantes, ao passo que outra abordagem produtiva poderia ser a análise a partir dos movimentos sociais. Ademais, embora as estratégias das elites políticas brasileiras tenham sido discutidas, elas não foram testadas diretamente.

Para pesquisas futuras, sugere-se um olhar mais amplo sobre as bases de apoio da direita no Brasil, que ultrapassam os limites dos partidos políticos, e uma análise detalhada das táticas adotadas pelas elites políticas de direita, com especial ênfase no Partido Liberal, na mobilização do eleitorado. Esta abordagem poderia esclarecer como as direitas brasileiras estão sendo estruturadas e quais os impactos de sua estruturação no eleitorado.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOFIELD, Merike. Introduction: Inequality and Politics in Latin America. In **The Great Gap: Inequality and the Politics of Redistribution in Latin America**, Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 2011.

BRAGA, Maria do Socorro Sousa; PIMENTEL JUNIOR, Jairo. Os partidos políticos brasileiros realmente não importam? **Opinião Pública**, v. 17, n. 2, p. 271-303, 2011.

BOAS, Taylor C. The Electoral Representation of Evangelicals in Latin America. In **Oxford Research Encyclopedia of Politics**, 2020.

BOBBIO, Norberto. **Left and Right: The Significance of a Political Distinction**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

BORGES, André; VIDIGAL, Robert. Introdução. In **Para Entender a Nova Direita Brasileira: Polarização, populismo e antipetismo**. Porto Alegre: Editora Zouk (no prelo).

CAMPOS CAMPOS, Consuelo. El Partido Republicano: el proyecto populista de la derecha radical chilena. **Revista Uruguaya de Ciencia Política**, v. 30, n. 1, p. 105-134, 2021.

CORRALES, Javier. The Expansion of LGBT Rights in Latin America and the Backlash. In M. J. Bosia, S. M. McEvoy & M. Rahman. **The Oxford Handbook of Global LGBT and Sexual Diversity Politics**. Oxford Handbooks, 2019.

DIAS, T.; VON BÜLOW, M.; GOBBI, D. Populist Framing Mechanisms and the Rise of Right-wing Activism in Brazil. **Latin American Politics and Society**, v. 63, n. 3, p. 69-92, 2021.

EATON, Kent. New Strategies of the Latin American Right. In J. P. Luna & C. R. Kaltwasser. **The resilience of the Latin American right**. Baltimore : JHU Press, 2014.

GIMENES, Éder R.; FURRIEL, W. O.; BORBA, J.; RIBEIRO, E. A. Partidarismo no Brasil: Análise longitudinal dos condicionantes da identificação partidária (2002-2014). **Revista Debates**, v. 10, n. 2, p. 121-148, 2016.

GUEDES-NETO, João Victor. Voto e identificação partidária em 2018: ordenação social na política brasileira. **Opinião Pública**, v. 26, n. 3, p. 431-451, 2020.

HOLLAND, Alisha. Right on Crime? Conservative Party Politics and Mano Dura Policies in El Salvador. **Latin American Research Review**, v. 48, n. 1, p. 44-67, 2013.

KALTWASSER, Cristóbal Rovira. La derecha en América Latina y su lucha contra la adversidad. **Nueva sociedad**. n. 254, p. 34-45, 2014.

KALTWASSER, Cristóbal Rovira; LUNA, Juan Pablo. Introduction. In J. P. Luna & C. R. Kaltwasser. **The resilience of the Latin American right**. Baltimore: JHU Press, 2014.

KALTWASSER, Cristóbal R.; MÉLENDEZ, Carlos. Political identities: The missing link in the study of populism. **Party Politics**, v. 25, n. 4, p. 520-533, 2019.

LAMOUNIER, Bolívar. O 'Brasil autoritário' revisitado: o impacto das eleições sobre a abertura. In: STEPAN, A. **Democratizando o Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

MAINWARING, Scott; TORCAL, Mariano. Party system institutionalization and party system theory after the third wave of democratization. Kellogg Institute: **Working Papers**, n. 319, 2005.

MUDDE, Cas. The populist zeitgeist. **Government and Opposition**, v. 39, n. 4, p. 541-563, 2004.

MUDDE, Cas. **Populist radical right parties in Europe**. New York: Cambridge University Press, 2007.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. **Populism: A Very Short Introduction**. New York: Oxford Academic, 2017.

ORTEGA, Bibiana. Political Participation of Evangelicals in Colombia: 1990–2017. **Politics and Religion Journal**, v. 12, n. 1, p. 17-54, 2018.

PAIVA, D.; BRAGA, M. S.; PIMENTEL, J. Eleitorado e partidos políticos no Brasil. **Opinião Pública**, v. 13, n. 2, p. 388-408, 2007.

PRZEWORSKI, Adam. **Democracy and the limits of self-government**. New York: Cambridge University Press, 2010.

QUADROS, Marcos P.; MADEIRA, Rafael M. Fim da direita envergonhada? Atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil. **Opinião Pública**, v. 24, n. 3, p. 486-522, 2018.

REICH, Gary; DOS SANTOS, Pedro. The rise (and frequent fall) of Evangelical politicians: organization, theology, and church politics. **Latin American Politics and Society**, v. 55, n. 4, p. 1-22, 2013.

RENNÓ, Lucio; CABELLO, Andrea. As bases do Lulismo: a volta do personalismo, realinhamento ideológico ou não alinhamento? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 74, p. 39–60, out. 2010.

ROBERTS, Kenneth M. Democracy, Free Markets, and the Rightist Dilemma in Latin America. In J. P. Luna & C. R. Kaltwasser. **The resilience of the Latin American right**. Baltimore : JHU Press, 2014.

ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises: Uma gênese da nova direita brasileira**. Tese de Doutorado em Ciência Política. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018

SAMUELS, David. As bases do petismo. **Opinião Pública**, v. 10, n. 2, p. 221–241, 2004.

SAMUELS, David; ZUCCO, Cesar Jr. Lulismo, Petismo, and the Future of Brazilian Politics. In. **Journal of Politics in Latin America**, v. 6, n. 3, p. 129–158, 2014.

SPECK, B. W.; BALBACHEVSKY, E.. Identificação partidária e voto. As diferenças entre petistas e peessedebistas. **Opinião Pública**, v. 22, n. 3, p. 569–602, 2016.

TATAGIBA, Luciana. Entre as ruas e as instituições: os protestos e o impeachment de Dilma Rousseff. **Lusotopie**, v. 17, n. 1, p. 112-135, 2018.

TATAGIBA, Luciana et al. Protestos à direita no Brasil (2007-2015). In: S. V. E. CRUZ; A. KAYSEL; G. CODAS. (Eds.). **Direita, Volver: O retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

WIESEHOMER, Nina. The Meaning of Left-Right in Latin America: A Comparative View. **Kellogg Working Paper**, v. 370, 2010.

ZUCCO JR, Cesar; POWER, Timothy J. Fragmentation without cleavages? Endogenous fractionalization in the Brazilian party system. **Comparative Politics**, v. 53, n. 3, p. 477-500, 2021.

## APÊNDICE A – Perguntas utilizadas para traçar o perfil dos partidários

| <b>Variáveis sociodemográficas</b><br>(gênero, raça, renda, escolaridade, religião)   |
|---|
| Gênero - Qual o sexo:<br>1. Homem<br>2. Mulher  |
| Raça - O(A) Sr(a) se considera uma pessoa branca, negra, parda, indígena ou amarela?  |
| Renda - Em qual destas faixas que vou citar está a renda total da sua família no mês passado, somando o salário de todas as pessoas que moram com o(a) Sr(a), inclusive o seu?<br>1. Até 1 SM (Até R\$ 1.212,00)<br>2. Mais de 1 a 2 SM (Mais de R\$ 1.212,00 a R\$ 2.424,00)<br>3. Mais de 2 a 5 SM (Mais de R\$ 2.424,00 a R\$ 6.060,00)<br>4. Mais de 5 a 10 SM (Mais de R\$ 6.060,00 a R\$ 12.120,00)<br>5. Mais de 10 a 20 SM (Mais de R\$ 12.120,00 a R\$ 24.240,00)<br>6. Mais de 20 SM (Mais de R\$ 24.240,00)  |
| Escolaridade - Até que série o(a) Sr(a) estudou e concluiu?<br>1. Até a 4ª série do Ensino Fundamental (Antigo Primário)<br>2. Da 5ª à 9ª série do Ensino Fundamental (Antigo Ginásio)<br>3. Ensino Médio (Antigo Colegial) incompleto<br>4. Ensino Médio (Antigo Colegial) completo<br>5. Superior incompleto<br>6. Superior completo ou mais  |
| Religião - Qual a sua religião?<br>1. Católica<br>2. Protestante (por exemplo: Luterana, Presbiteriana, Calvinista, Metodista e Batista)<br>3. Evangélica Pentecostal ou Carismático (por exemplo: Igreja de Deus, Assembleia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Quadrangular, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Deus é Amor, Igreja Mundial do Poder de Deus, Igreja de Cristo, Sara Nossa Terra)<br>4. Espírita Kardecista<br>5. Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias ou SUD (Mórmon)<br>6. Testemunha de Jeová<br>7. Religiões de matriz afro (Umbanda, Candomblé, Quimbanda)<br>8. Outra religião |
| <b>Variáveis atitudinais ou de opinião</b><br>(políticas de redução da desigualdade, políticas de segurança pública, casamento homoafetivo, aborto, apoio à democracia e avaliação do governo Bolsonaro)  |
| Políticas de redução da desigualdade - O(A) Sr(a) poderia me dizer em que grau concorda ou discorda, em uma escala de 0 (discorda totalmente) a 10 (concorda totalmente), com a seguinte proposição: O Estado brasileiro deve implementar políticas firmes para reduzir a desigualdade de renda entre ricos e pobres.   |
| Políticas de segurança pública - O(A) Sr(a) poderia me dizer em que grau concorda ou discorda, em uma escala de 0 (discorda totalmente) a 10 (concorda totalmente), com as seguintes proposições:<br>1. Redução da maioria penal<br>2. Proibição de venda de armas de fogo  |
| Casamento homoafetivo - O(A) Sr(a) poderia me dizer em que grau concorda ou discorda, em uma escala de 0 (discorda totalmente) a 10 (concorda totalmente), com a seguinte proposição: Casamento civil de pessoas do mesmo sexo.   |

Aborto - O(A) Sr(a) poderia me dizer em que grau concorda ou discorda, em uma escala de 0 (discorda totalmente) a 10 (concorda totalmente), com a seguinte proposição: A decisão sobre fazer ou não um aborto deve ser tomada exclusivamente pela mulher.

Apoio à democracia - Com qual das seguintes três frases o(a) Sr(a) está mais de acordo:

1. Para pessoas como eu, tanto faz um regime democrático ou um não democrático OU
2. A democracia é preferível a qualquer outra forma de governo OU
3. Em algumas circunstâncias, um governo autoritário pode ser preferível a um democrático?

Avaliação do governo Bolsonaro - O(a) Sr(a) considera que a situação econômica atual (2023) do país está melhor, igual ou pior que há doze meses?

1. Melhor
2. Igual
3. Pior